1.º anno — Lisboa, 20 de abril de 1885 — Numero 43

A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

MONUMENTOS DE THOMAR

CHRONICA

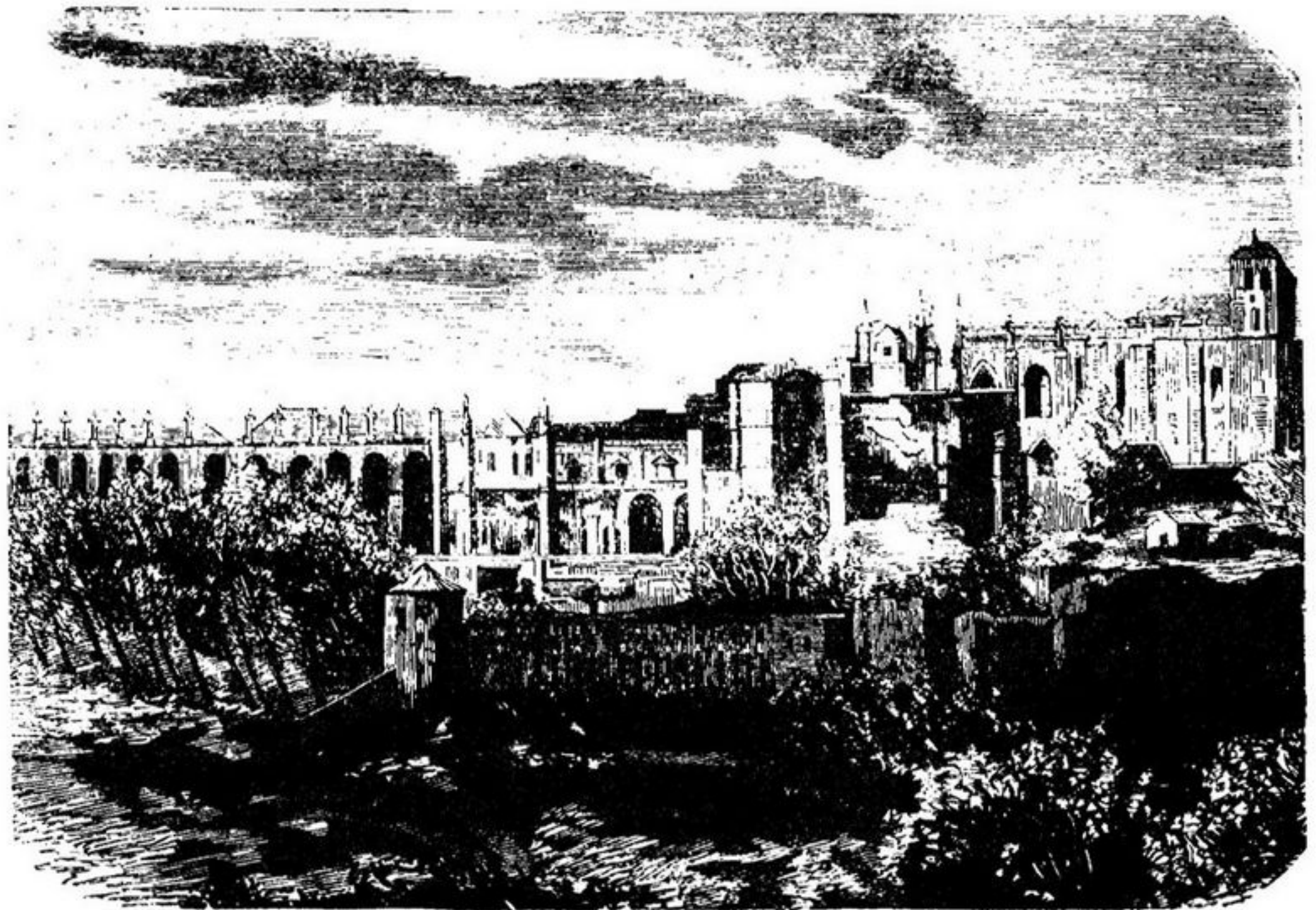
E que nos importa, a nós, que a Inglaterra, a nossa *fiel alliada*, segundo a classificação lendaria, houvesse levado um pontapé dos russos, na fronteira do Afghanistan?

O que temos nós que ver com as desgraças da altiva Albion, ferida na sua prosapia tradicional pelos irlandezes sedentos de liberdade, pelos mahdistas, que lhe trucidam nos plainos do Soldão a fina flôr do exercito, e pelos russos, que lhe disputam o dominio da India?

A Gran-Bretanha está colhendo os fructos da sua filaucia requintada. Chegou ao leão a vez de ser sendeiro. Approximou-se para ella a hora fatal do ajuste de contas com as nações da Europa avassaladas ao seu poderio.

O elephante do Norte encarregou-se de nos vingar. A artilheria do general Komaroff fez o primeiro escalavro no *puff* gigantesco da loira matrona, e o sr. de Giers ha de acabar d'arrancar-lhe os dentes postiços com que mordia felinamente o mundo inteiro, já farto das suas impertinencias senis.

Haverá guerra? Não haverá guerra? A diplomacia que responda.

A nós afigura-se-nos que, d'esta vez, a Inglaterra engulirá todas as offensas czarianas, conscia, como está, da sua impotencia, apesar d'uns ultimos fumos de pimponice, manifestados na faina dos aprestos bellicosos que prepara

D'ahi, a velha rainha Victoria não quer quebrar o remanso dulcissimo que disfructa em Aix-les-Bains, onde está gozando, de camaradagem com a princeza Beatriz, o sol radiante e as brisas embalsamadas do mez das flores.

Quando se chega áquellas edades, gosta-se de passar a vida placidamente, sem ouvir as balas assobiarem no espaço *refrains* guerreiros.

Pode um ou outro conselheiro da corôa, mais pronunciadamente disposto a aceitar o repto dos russos, dizer-lhe pelo telegrapho que é mister castigar a audacia de Komaroff. A rainha não se move.

A's violentas commoções da guerra, prefere passeiar, depois do almoço, pelo parque Marlioz, no seu poney favorito que nunca a abandona, ou na sua pequenina carruagem de Windsor, que lhe dá o morno aconchego de bellas almofadas commodas e flaccidas.

Depois de ter vivificado os pulmões com o ar puro d'Aix-les-Bains, irá ver, pela vez primeira na sua vida, os panoramas formosissimos da Suissa pittoresca. Quando voltar a Londres, á tristonha *city* dos nevoeiros perpetuos, já o seu veterano Gladstone e os negociadores diplomaticos terão deitado um remendo no sitio onde as tropas do czar abriram brecha.

Mas este remendo não passará d'um palliativo. A guerra ha de estalar, mais tarde ou mais cedo, convulsionada e terrivel. Está escripto; é fatal.

A politica não pode conter o que obedece a outras causas mais imperiosas que as negociações habeis da diplomacia. A Russia procura o caminho da India, em busca do festim em que se refastelle, á semelhança d'aquellas invasões do seculo V, que cahiam sobre o imperio romano, como cafila de lobos famintos arrojados da neve das montanhas sobre os campos da planicie.

Oitenta milhões de russos não encontram, nas aridas embora vastissimas regiões do seu paiz, os elementos necessarios e indispensaveis á vida. Quando a fome aguilhoa os povos do Norte, vem logo, como consequencia immediata, a invasão, a que podemos chamar lei da sua historia.

A marcha dos rusos até á India está combinada nos calculos da politica, é certo, mas basêa-se, principalmente, nas necessidades d'um povo enorme, que sente, como exigencia imperiosa, a satisfação d'appetites naturaes. As invasões de hulanos e de moscowitas procurarão, na ultima parte do nosso seculo, o Oriente, como, no seculo V, seguiram o caminho do Occidente.

O peior de tudo é que a fome dos russos possa dar origem a uma guerra europea ruinosa. Se ao menos a Gran-Bretanha servisse, sosinha, de repasto á cubiça dos esfaimados ... talvez nós viessemos a esfregar as mãos, com um pequenino gaudio muito intimo, em familia, de portas a dentro, sem expansões neta fogueterio...

E agora mesmo reparo, queridissima leitora, em que despejei um artigo do fundo sobre a tua cabeça loira e formosa, onde o sol d'abril põe scintillações douradas, sobre o teu espirito doudejante e irrequieto, que a noticia do proximo encerramento de S. Carlos veio ao de leve annuvear.

Tem paciencia. A missão de chronista arrasta-nos a estes desmandos pelas regiões da politica, quando a politica vem impor-se, nua e fria, aos nossos commentarios, em factos palpitantes, em successos que provocam a attenção do mundo inteiro.

Dá tu graças ao Altissimo porque eu, no pendor d'estas massudas considerações sobre o conflicto anglo-russo, não venho aqui contar-te como ha dias se fez a paz entre a França e a China, levando ao teu *boudoir* sereno a narrativa circumstanciada de quantas luctas ahi se travam, por esse mundo, entre as raças brancas, amarellas e negras, entre os filhos de Sem, Cham e Japhet.

Andas triste porque vão fechar-se as portas de S. Carlos. Adivinho-o d'aqui, n'essa doce *morbidezza* em que me estás lendo, nas linhas assombreadas d'esse rosto gentil, onde se presente ja a nostalgia das noites da *Carmen*, noites quentes como a bella partitura de Bizet, sensuaes como um olhar da provocadora Novelli e como uma romanza do nervoso De-Bassini.

Tambem eu partilho essa tristeza vaga: tambem eu começo a sentir a saudade lancinante da corista gorda e do preludio d'aquelle quarto acto assombroso de realismo, que photographa diante de nós a vida agitada de Sevilha, com os seus toureiros apaixonados e altivos, as suas castanholas buliçosas, as suas *panderetas* irrequietas, as suas mulheres vulcanicas, a sua porta de *Triana*, a sua ponte do Guadalquivir e os seus dramas d'amor romanesco.

Tudo aquillo vae esvahir-se d'aqui a dois ou tres dias, como as visões impressivas e fugazes d'uma lanterna magica. A Carmen gentil trocará a garrida mantilha branca, de sevilhana, pelo amplo chapeu de palha de *touriste*, correndo a novos triumphos em qualquer outra scena lyrica da Europa. Escamillo deixará crescer a sua formosa barba em ponta, sacrificada ás exigencias do papel de *toreador* granadino. D. José, depois de ter morto a amante infiel, com a sua navalha ponteaguda de cigano, irá penitenciar-se d'este monstruoso crime, envergando a sotaina fradesca do galã da *Favorita*.

E adeus *seguidillas* languidas, e adeus *malagueñas* sensuaes, e adeus ó bella *Carmen* das nossas tepidas noites de abril!

Quem quizer ver um simulacro de Escamillo, vá ao Campo de Sant'Anna, mas aquelle não canta, nem ama, nem se bate: não é o *toreador* de Bizet e de Halevy, o *diestro* enamorado e garboso de Granada.

Sabes tu onde deves passar as noites, quando os violinos de S. Carlos houverem gemido, pela ultima vez, os derradeiros compassos da tua opera dilecta? No Colyseo.

Está-se bem ali. Ouve-se musica da primeira maneira de Verdi, e—digam lá o que disserem—muito soffrivelmente cantada, por artistas de merecimento, que não chegam a ganhar, n'um anno, o que a Sembrich ou o Gayarre embolsam n'uma só noite.

Não te garanto que a contralto seja d'uma belleza correcta, que o *mezzo* soprano tenha o perfil angelico da Devriés, e que as coristas se avantajem muito, em formosura, á sua gorda collega de S. Carlos, porque nunca as vi dos *fauteuils* d'orchestra. Mas tu és mulher e não te extasias, de certo, diante da plastica feminina.

Se o contacto das *horisontaes* te incommoda no Colyseu, e se a fumarada dos charutos provoca as tuas *migraines*, vae ver as *grimaces* do Paulus ao Gymnasio.

Tens ainda, em D. Maria, a *Dionisia* de Dumas, traduzida por D. Guiomar Torresão. Merece ver-se, pelo desempenho, que é correcto, e pela traducção, onde ha os esmeros d'um estylo enflorado e formoso.

Nós, que ainda ha poucos dias fomos severos e justos, condemnando a publicação da celebre carta de Dumas, feita um pouco levianamente pela nossa collega, não queremos hoje regatear-lhe elogios pelo merito do seu trabalho.

Ha tempos, em Paris, Octave Mirbeau escreveu um artigo violento contra Catulle Mendès. Na vespera do duello—porque houve duello, suscitado por esse escripto azedo e offensivo—disse Catulle a um dos seus amigos: «A'manhã bato-me com Mirbeau, mas devo confessar que o seu artigo estava bem feito.»

Eu, n'este ponto, quero assemelhar-me ao famoso contista parisiense: poderei ainda vir a cruzar a espada com D. Guiomar, por causa da *Dionisia*,—tem-se visto muita coisa!—mas antes de irmos para o campo, quero dizer-lhe lealmente que a sua traducção da peça de Dumas está bem feita.

E' possivel que nada d'isto te agrade, e que as vivissimas saudades da epoca lyrica moribunda te não deixem supportar a musica do Colyseu, os francezes do Gymnasio e as traducções de D. Maria. Se assim fôr, dou-te um conselho:—casa-te. A epoca vae prodiga de matrimonios. Casa a aristocracia nos Inglezinhos, o templo da *haute gomme*, casam os artistas na egreja dos Martyres... até casou a valer o Devoyod, elle, que tantissimas vezes o fizera ficticiamente na scena.

E eu tenho-os visto casar a todos, e divirto-me.

Quel plaisir d'aller a la noce,
Surtout quand il n'en coûte rien.

C. Dantas.

GARRETT E O SEU TEMPO

XVI

Ainda não é tempo, diz-se, de escrever a historia de factos recentes. Mas é tempo já, segundo parece, de consignar nos livros que se vão publicando os boatos calumniosos que tomam corpo, e que hão de ser aceitos pela posteridade como verdades indiscutiveis. Porque é que se não pode escrever a historia exacta e imparcial? Porque estão vivos ainda um grande numero dos actores do grande drama? Porque não se querem ferir melindres de proximos parentes dos que morreram? Singular escrupulo! Todos os dias na imprensa se arroja a plenas mãos sobre o caracter dos homens publicos a injuria e a calumnia, e quem não receia melindral-os e feril-os com a mentira, receia feril-os e melindral-os com a verdade! Condemna-se o procedimento dos generaes e dos ministros, tendo-se por unica base as versões apaixonadas dos que intentam desacreditál-os, e receia-se condemnar esse mesmo procedimento, quando a condemnação se baseie em documentos authenticos, na critica sincera e imparcial das narrativas dos que viram os successos, e cujas paixões se conhecem hoje perfeitamente, podendo-se assim avaliar o credito que merecem!

Hoje o historiador, que quizer ser sincero e imparcial, tem infinitos meios de conhecer os pequeninos despeitos que podem actuar no animo de quem, n'um certo momento, contou de certo modo certo e determinado facto politico. A historia d'esses despeitos e d'essas inimizades muitas vezes nem chega aos jornaes, e quasi nunca transparece nos documentos. São os segredos dos bastidores da comedia politica, segredos que morrem com os actores e com os frequentadores do palco, sobretudo n'um paiz em que são tão raras as Memorias. A historia que se não escrever n'este momento nunca mais se escreve, e, se ressuscitassemos

d'aqui a dois seculos, ficariamos espantados e aterrados com a importancia que assumiu perante a posteridade o depoimento d'esta ou d'aquella testemunha, que nós sabemos perfeitamente que foi dictado pelo rancor occulto, pela inveja, pela vaidade ferida, ou por qualquer sentimento menos nobre.

Quem não deve escrever historia são os homens como o sr. Soriano, que teem o espirito obscurecido pelo fumo de todas as paixões que lhes queimaram o espirito no meio das luctas que referem. Esses não. Esses podem e devem escrever, mas não como historiadores, quer dizer como chronistas imparciaes dos acontecimentos, devem escrever como testemunhas, cujo depoimento deverá ser apreciado não pelo que é, mas pelo que vale.

O sr. Gomes de Amorim, com relação aos vultos a que incidentemente se refere, podia ter sido já o historiador imparcial que desejariamos que apparecesse. Não o foi, e como, acceitando cegamente a lenda forjada pelos outros, lhe vae dando curso, que póde contribuir para a tornar de futuro acceitavel como moeda historica de lei, nós, dentro dos limites das nossas forças, tentaremos lavrar ao lado do seu excellente livro o nosso humilde protesto.

Já protestámos contra a lenda da «covardia do duque da Terceira». Protestaremos agora contra a lenda da «vergonhosa fugida, para o *Belfast*, do duque de Saldanha.»

E note-se que somos os primeiros a reconhecer que foi lamentavel esse episodio do *Belfast*, que plenamente confessamos que ha na vida do marechal Saldanha bastantes erros indesculpaveis, que estamos longe emfim de o considerarmos como um modelo de civismo. E' necessario porém attribuir-lhe as culpas que elle teve e não aquellas cuja responsabilidade lhe não cabe.

Já em outro logar procurámos esclarecer com a luz de uma critica perfeitamente imparcial este caso obscuro e singularissimo do *Belfast*, e provámos então, parece-nos, que é da mais revoltante injustiça attribuir a Saldanha a responsabilidade do que então se passou. Diremos brevemente o que julgamos apurar das narrativas do successo, e até da propria versão do sr. Soriano, inimigo capital de Saldanha.

Os generaes que vinham no *Belfast*, chegaram ao Porto quando a divisão liberal, commandada por Saraiva Refoyos, retirava diante do exercito miguelista. A divisão toda, ao saber do desembarque, reclamou com ardor o commando do general Saldanha, que tinha então, como sempre teve até ao fim da sua vida, um enorme prestigio militar. A junta, comtudo, entendeu que lhe não devia dar esse commando, e, para não ferir melindres, dividiu as tropas em duas divisões, commandadas por Villa-Flor e Saldanha, dando o commando em chefe, que não podia ser senão nominal, ao pobre marquez de Palmella, que tinha effectivamente uma graduação militar, mas que era tão perito na sciencia dos Talleyrands e dos Nesselrodes como ignaro na dos Jominis e dos Bonapartes.

Reconhecido, porém, pela opinião unanime de todos os que viram a divisão que era inevitavel a derrota, se se lembrassem de continuar a lucta, os chefes do movimento reunidos no Porto deliberaram partir no *Belfast* para Inglaterra, emquanto os restos da divisão marchariam para a Galliza. Então os mesmos, que dias antes não tinham querido dar a Saldanha o commando supremo, quando havia esperanças de victorias e de triumphos, supplicaram-lhe de mãos postas que acceitasse agora a grave responsabilidade d'esse commando, quando se tratava apenas da tarefa ingloria e espinhosissima de conduzir para o exilio as reliquias de uma divisão perdida.

Saldanha acceitou. Fez com isso um verdadeiro, um supremo sacrificio. Acceitou, com a condição de ter só o commando militar, devendo uma delegação da junta ficar dirigindo os negocios politicos. Concordou-se com isso, e Saldanha foi tomar o commando da divisão, emquanto Palmella, Villa-Flor, Azeredo e os outros embarcavam no *Belfast*.

Quando expoz aos coroneis a missão de que ia incumbido, os coroneis, que vinham ainda todos exaltados com o ardor da lucta, declararam positivamente que não retiravam para a Galliza, que haviam de combater emquanto podessem, defender o Porto, e sustentar-se no Minho. Saldanha, que via perfeitamente a impossibilidade militar d'essa heroica tentativa, que conhecia o estado de completa desorganisação em que estavam as tropas, não quiz assumir semelhante responsabilidade, e declarou que, em presença d'essa resolução, se demittia. Officiou aos delegados da junta n'esse sentido. Respondeu-se-lhe, que esses delegados tinham já embarcado no *Belfast*. Desesperado com esse abandono completo em que o deixavam, metteu-se n'um bote e embarcou tambem. Seria mais heroico ficar? De certo, mas seria um acto de abnegação por tal fórma sobre-humano, que nem Bayard, *le chevalier sans peur et sans reproche*, o praticaria.

Mas praticou o Sá da Bandeira? De certo; porque esse era quem tinha a responsabilidade da resolução dos coroneis, esse é que prégára a resistencia. O seu dever, a que elle nunca faltou em toda a sua vida, impunha-lhe que ficasse. Saldanha, ficando, daria um exemplo tal de abnegação que não haveria corôas bastantes para lhe engrinaldarem a fronte. Ora, se é licito exigir de todos que cumpram o seu dever, não é licito exigir de um homem que seja um heróe de sacrificio e de abnegação em todos os instantes da sua vida.

O que! pois negam a Saldanha o commando em chefe quando seria ambicionavel, supplicam-lhe que o acceite quando esse commando representa uma tarefa espinhosissima e cruel, abandonam-n'o quando esse commando se torna impossivel pela desobediencia dos seus subordinados, e ainda o accusam porque elle, desesperado, declina de si responsabilidades que lhe não competem, e dá por finda a missão de que só o incumbiram quando não havia quem a quizesse, e que nem sequer o ajudaram a cumprir?

Encarregam-n'o de dirigir a retirada de um exercito, que não tinham querido que elle conduzisse á victoria, e ainda por cima queriam que elle assumisse a responsabilidade de levar esse mesmo exercito a uma derrota infallivel? E' uma das injustiças mais crueis que se teem commettido na historia, e o sr. Gomes de Amorim bem deveria penitenciar-se de ter commungado n'essa injustiça, como se penitenciou no vol. 3.º da sua obra da nimia severidade com que no 1.º vol. tratára os chefes da emigração.

Condemnem-se os erros do marechal, que os teve e bem grandes, mas nunca se arrisque o historiador, por estudo superficial, a macular com echos de calumniosas accusações a memoria dos heroes.

PINHEIRO CHAGAS.

CANTARES

XI

Pedi a Deus que abrandasse
O teu seio empedrenido,
E Deus, voltando-me a face,
Fez que não me tinha ouvido.

XII

E' que Deus, que tudo póde,
Contra o amor não tem poder,
E, pois, se Elle não me acode,
Quem é que me ha de valer?

MANUEL DE MOURA.

O BOUQUET

No elegante *boudoir* da condessinha, branco e risonho como um recanto celeste onde volitassem as meigas phantasias d'uma imaginação infantil, havia alguma cousa de triste, dominando aquella harmonia de setins e perfumes.

Ao centro do toucador, pendendo d'uma jarra de Sèvres, um *bouquet* de violetas emurchecido, quasi secco, tinha o ar maguado de quem chora uma perda irreparavel.

*

Mauricio Lavollie, um garboso rapaz addido á embaixada franceza, e por quem a gentil fidalga sentia uma paixão profundissima, a ponto de se enraivecer quando, nos theatros ou pelos salões, o via trocar um olhar casual com qualquer outra mulher, esse bello diplomata, de quem ella, admiradora de Lamartine, fizera o seu Raphael, veiu despedir-se a sua casa, por uma tarde de fevereiro.

Trouxera-lhe um elegante *bouquet*. Ao recebel-o, a condessinha disse, enternecida:

—Espero que o teu amor não viva apenas a vida d'estas flôres, apesar da distancia que por tanto tempo ha de separar-nos.

E procurando sorver, com os seus olhos radiantes e negros, o ultimo sorriso que brilhou nos labios de Mauricio, aspirou as violetas, como que para incensar a profunda saudade que lhe affluia ao coração.

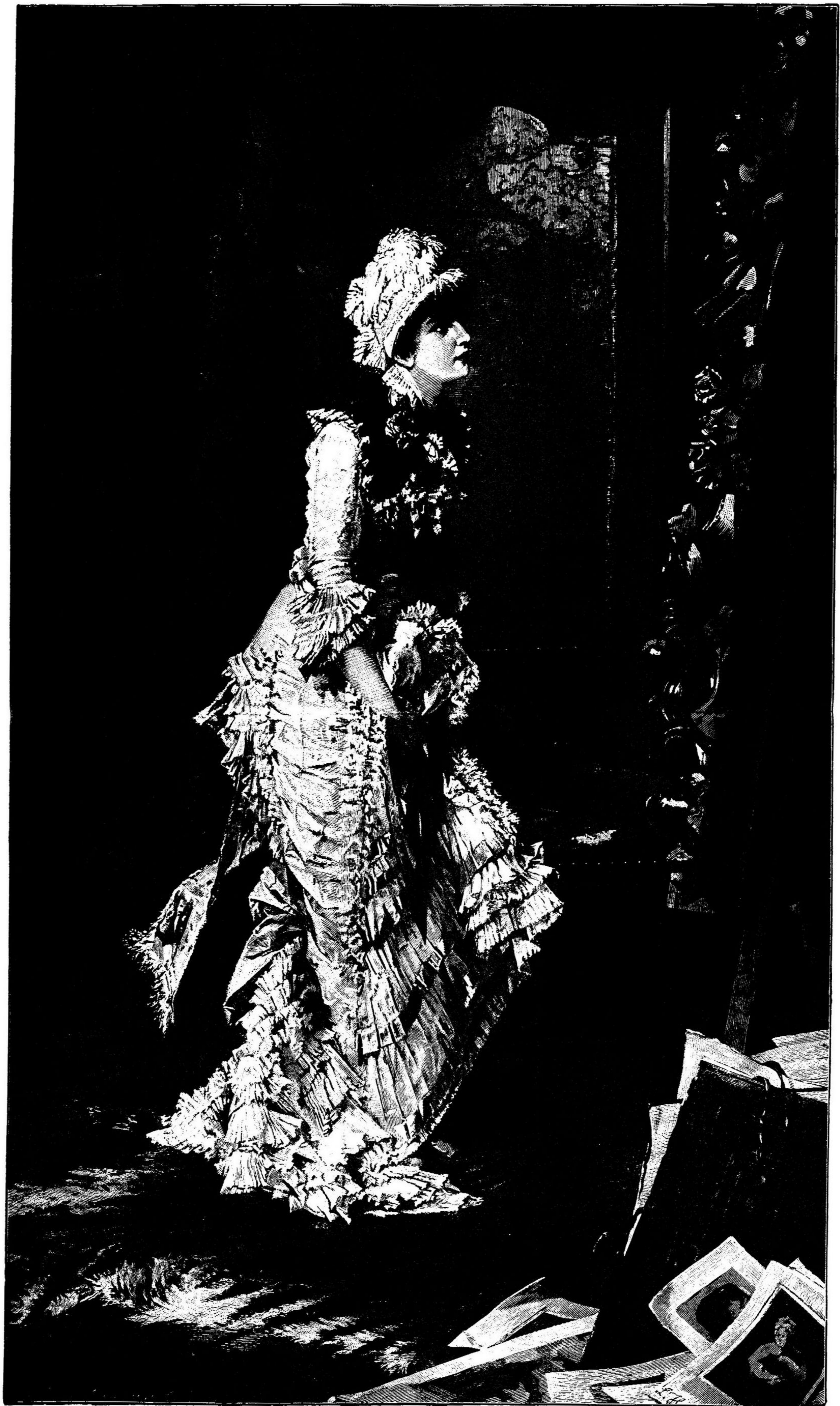
*

Passado algum tempo, a condessinha deixou de apparecer nos theatros, e não era facil encontral-a pelos salões do mundo elegante, a deslumbrar, com a belleza do seu rosto e com o brilhantismo das suas *toilettes* principescas, as outras mulheres, que a olhavam invejosas, e os homens, que a seguiam loucamente, na eterna esperança de lhe ouvirem uma palavra d'amor, descendo dos seus labios mimosos com a rosea luz d'um sorriso........

*

Segundo se dizia, a condessinha nunca mais soubera do francez, e por isso passava as noites em casa, isolada e triste, entrecortando de maguados suspiros, o dissipar das suas chimeras côr de rosa.

Disse a alguem a creada particular, que não chegavam havia

OS CONTOS DA AVÓSINHA

NO 'ATELIER' DO PINTOR

A VIUVA

tres mezes cartas de França, encontrando ella, desde então, todas as manhãs, as violetas orvalhadas de lagrimas............

E' por isso que no *boudoir* da gentil fidalga ha alguma cousa de triste, dominando aquella harmonia de setins e perfumes; e que o *bouquet*, emurchecido, quasi secco, tem o ar maguado de quem chora uma perda irreparavel.

Coimbra, 1885. EDUARDO D'ALMEIDA.

NO THEATRO

A noite era festiva: em ondas de harmonia
Libravam-se no espaço os canticos maviosos:
E as brandas vibrações da suave melodia,
Arfavam docemente os seios voluptuosos.

Bustos esculpturaes, rostos alabastrinos,
Ostentavam perfis de sylphides aéreas:
E o jubiloso olhar de brilhos diamantinos,
Gerava commoções suavissimas, ethereas!

Troava no recinto o fremito das palmas,
Cruzavam-se no espaço ardentes ovações,
E o vivido prazer, inebriando as almas,
Dava um pulsar vehemente áquelles corações.

E no entanto, atravez do ruido delirante
D'aquella animação, de toda aquella vida,
Soltava tristemente a nota discordante
Uma harpa que gemia ignota e dolorida!

Era a minha alma triste, extatica e magoada,
Que, em vivas commoções de atroz melancolia,
Pairava nas regiões da vida immaculada
Estranha as sensações febris d'essa alegria.

—E' que eu vira surgir além, na minha frente,
Mas longe, muito ao longe e em paramos de luz,
A rainha gentil d'auréola refulgente,
A joia scintillante e rara que seduz!

Santarem. JOSÉ EUGENIO DOS SANTOS.

AS NOSSAS GRAVURAS

MONUMENTOS DE THOMAR

A nossa estampa representa uma grande parte dos monumentos que avultam em Thomar, taes como o famoso castello de D. Gualdim Paes, a egreja do convento de Christo e Santa Maria do Olival.

A cidade, uma das mais lindas povoações da Extremadura, ergue-se no meio de uma planicie regada pelas aguas do rio Nabão.

No extremo occidental levanta-se um monte, sobre o qual campeia o antigo castello dos templarios e junto d'este o magnifico convento.

As margens do rio são guarnecidas de hortas e pomares.

A cidade de Thomar é cabeça de comarca, pertence ao districto de Santarem e dista 22 leguas de Lisboa.

Não longe do castello existem ruinas de um mosteiro que, no tempo dos godos, fôra habitado por monges benedictinos e no qual viveu o abbade Celio, tio de Santa Iria. Foi ali que D. Gualdim reconstruiu o edificio dos templarios, sob a invocação de Santa Maria dos Olivaes.

Em 1190 esteve aquella povoação sitiada pelo imperador de Marrocos, Jacob.

Dentro do castello existe uma inscripção relativa a este facto.

O infante D. Henrique, duque de Vizeu, fez por muitos annos a sua principal residencia n'aquella povoação.

D. Manuel por muitas vezes esteve em Thomar e ahi celebrou varios capitulos geraes, reformando e ampliando os estatutos e disposições da ordem.

O ouro que por muito tempo affluiu do Brazil a Lisboa, animou as industrias d'aquella importante terra, que em pouco tempo se tornaram florescentes.

Thomar soffreu bastante com a terceira invasão franceza, entrando ali o inimigo em outubro de 1810; mas os annos de paz e tranquillidade que o paiz disfructou depois da paz geral, mal deixaram resarcir a povoação de Thomar das suas graves perdas.

O systema protector das pautas de 1836 deu notavel impulso á sua industria fabril, e a libertação da terra á sua industria agricola.

A villa de Thomar foi elevada á cathegoria de cidade pela rainha a senhora D. Maria II.

Nas antigas côrtes os seus procuradores tinham assento no quarto banco.

Tem a cidade uma bonita praça, onde se levantam dois dos seus melhores edificios, a parochia de S. João Baptista e a casa da Camara, monumentos manuelinos.

O convento é um edificio immenso e encerra oito claustros de maravilhosa architectura.

O aqueducto que traz agua ao convento, obra dos Filippes, é de notavel gosto e magnificencia.

Na cidade havia mais tres conventos, o de S. Francisco, fundado em 1625, hoje pertencente á Camara, o de Nossa Senhora da Annunciada, construido em 1645, o de Santa Iria em 1476, a egreja do hospital da Misericordia fundada em 1501, e mais 14 ou 15 egrejas e ermidas dentro da cidade e nas suas immediações

OS CONTOS DA AVÓSINHA

Ouvindo-os se recreiou, e a ouvil-os adormeceu. A avósinha contava já com aquelle somno, quando começou a impingir-lhe as velhas historias da *Moira encantada* e da *Bella e a Fera*. Não ha narcotico mais poderoso e de effeitos mais rapidos.

Tambem, se a neta ha de andar louquejando como um vivo demonio, é melhor que durma, deixando a avó recordar-se tranquillamente dos bellos tempos em que assim dormia.

Quantas saudades aquelle quadro me provoca!

A VIUVA

N'aquella cova mal cerrada ainda, sepultaram-se todas as illusões e todos os jubilos da infeliz viuva. E' por isso que ella vem, á tarde, orvalhar de lagrimas profundamente sentidas a terra revolta, que esconde para sempre tanta ventura desfeita, tanto amor despedaçado.

Benditas lagrimas aquellas, e como ficam bem n'um rosto formoso de mulher!

NO «ATELIER» DO PINTOR

Vae pousar mais uma vez no *atelier* do artista, diante do cavalete onde está suspenso o seu retrato apenas esboçado.

Emquanto o pintor não chega, revê-se na téla, namorando-a envaidecida, com o olhar sorridente. Quando elle chegar, pode ser que os olhos se lhe vão do quadro para o artista... Tem-se visto tanta cousa!...

UM VALENTE

Se não mudar com o correr dos tempos, sahe-nos d'ali um poltrão dos mais bem acabados.

Hoje, faz toda aquella caramunha, porque um inoffensivo pato esfaimado lhe grasna pela frente. Amanhã, é capaz de fugir á desfilada, se um mosquito se lembrar de o perseguir.

Até as raparigas da sua edade já lhe fazem troça. Que vergonha!

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

CABO D'ESQUADRA.—D'esta vez foi menos feliz. Releia a sua charada, e verá que, além de ter versos errados, está muito confusa.

DELMIRA S. P.—Tom Pouce, incarnado na pessoa a quem v. ex.ª tão amavelmente se dirigiu, tem a honra de communicar-lhe que a empreza vae mandar fazer frontespicios e encadernações elegantes para este semanario, devendo estar tudo prompto quando elle complete o primeiro anno d'existencia.

Pelo que toca á divisão dos annos, somos d'outro parecer. Se em 1884 tivesse sahido apenas um numero, queria v. ex.ª que os de 1885 levassem inscripto «*anno 2.º*»? Porque, se ainda se não completára o primeiro?

Pense v. ex.ª um poucochinho n'isto, e acabará por nos dar rasão, como nós acabamos por lhe agradecer as suas lisongeiras palavras.

ASTURIANO.—A sua charada, sem nós sabermos como, perdeu-se n'um *mare magnum* de papeis varios.

Já vê que não houve esquecimento nem despreso.

Quer fazer-nos a fineza d'enviar outra?

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Esta poesia mortifica o poeta—2—1.

J. G. DA C. MENDONÇA.

Está na musica e no sapateiro esta mudança—1—2.

Porto. MAGALHÃES.

Este insecto biptero causa compaixão, por andar sempre almiscarado—2—1.

E' filho d'Aristor, mas estes navegantes são principes gregos —2—2.

X. Rodrigão.

Voa para este appelido este outro—2—2.

No mar é quente este insecto—2—2.

J. A. D.

CHARADA DECAPITADA

Dize-me cá, meu caro—: tendo tu tantas—que servem para as tuas—, para que—comprar—outras?

Matheus Junior.

EM QUADRO

(Por syllabas)

— — — No ouvido
— — — Tem Neptuno
— — — Esta vazilha

Manacio.

LOGOGRIPHO

(Ao ex.mo sr. João Ignacio Leal Junior)

Com este nome formoso—10—4—2—6—10—7—4—2
Conheci certa senhora,—10—9—2—6—7—8—10
Que, não sendo ajuizada,—7—9—7—3—1—10
Era bella e encantadora.—6—7—8—4—10

Este nome
(Que mais queres?)
E' só proprio
De mulheres.

Ajuda.

Antonio Maria do Rego.

Se a pessoa a quem é dedicado o decifrar, no praso de dois dias, pagar-lhe-ha o auctor um trimestre da *Illustração Portugueza*.

LOGOGRIPHO MYTHOLOGICO

Uma deusa—1—10—6—2—9—10
Uma deusa—2—11—9—3—10—2
Uma deusa—3—5—9—8
Um deus—4—7—5—9—1—10—5
Um deus—5—3—4—1—10—5
Um deus—6—8—11—9—5—7
Uma deusa—7—1—10—2
Uma deusa—8—9—3—5—4—5—11
Um deus—9—1—10—11—10—5
Um deus—10—3—2—9—5
Um deus—11—9—2—9—5—7
Um deus

As iniciaes formam o deus do conceito.

Ascot.

PROBLEMA

Quantas combinações se podem formar com 20 consoantes e 6 vogaes, contendo cada combinação 3 consoantes e, 2 vogaes e occupando estas apenas o 2.º e o 4.º lugar?

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:—Pelamida—Pelago—Canario—Rebolo—Pavôa—Salpico—Cipolino—a ri es

W

ma ta

Das adivinhas populares:—Borboleta—Aranha.
Do logogripho:—Hydrodinamica.
Do problema:—O numero é 452.

A RIR

—Qual querias tu mais:—ser prodigo ou avarento?
—Eu preferiria ser prodigo. Ao menos a prodigalidade corrige-se.
—Como?
—Quando não ha dinheiro.

*

Um philosopho, interrogado sobre a idéa que formava da opulencia, respondeu:

—A opulencia é a vantagem que a estupidez tem sobre a virtude.

Um dominó.

UM CONSELHO POR SEMANA

A obesidade faz o desespero d'um grande numero de pessoas. E' preciso, pois, detel-a no seu desenvolvimento, e para isso recommendamos o seguinte:—comer pouco e fazer muito exercicio. Quanto ás receitas para fazer emmagrecer as pessoas obesas, desconfiae sempre d'ellas: servem apenas para engordar aquelles que as vendem.

CONTOS DA CARÓCHINHA

AS MALDADES DO SYLPHO

(CATULLE MENDÉS)

I

Um mancebo, revestido de armadura de prata e com grandes azas de neve, galopava, ao romper da aurora, montado em um cavallo branco. Aconteceu que uma bella princeza, passeando á sombra das arvores em flôr, viu passar o mancebo das azas de neve; foi tal a sua commoção, que deixou cair a rosa que tinha entre os dedos e sobre a qual pousára uma borboleta.

—Ah! suspirou a princeza, sinto que esse cavalleiro absorveu para sempre os meus pensamentos.

A formosa herdeira do throno estendeu o braço e com o gesto pediu ao cavalleiro que parasse.

—Amo-te, ó tu que passas ao longo dos caminhos. Se me corresponderes, conduzir-te-hei a casa de meu pae, que é um poderoso monarcha, e elle mandará celebrar as nossas nupcias.

—Eu não te amo, respondeu o cavalleiro.

E seguiu o seu caminho. A princeza abriu a porta da quinta e principiou a correr na estrada.

—D'onde vens? perguntou, e onde vaes tão cedo, tu que não queres casar commigo?

—Venho da cidade, onde vive a minha amante, e vou ao encontro do meu rival, que chega hoje.

—Quem é a tua amante?

—E' a filha de um lavrador; ella fia á janella, entoando uma canção que os passaros escutam.

—Quem é o teu rival?

—E' o sobrinho do imperador de Golconda; quando elle desembainha a espada, parece que vae trovejar, porque se vê fuzilar um relampago.

—O que disseste tu á tua amante?

—Pedi-lhe o coração; ella recusou-m'o.

—O que dirás tu ao teu rival?

—Pedir-lhe-hei o sangue; e é preciso que elle m'o dê.

—Que receio me inspira a tua vida! Consente que te acompanhe.

—A unica mulher que eu desejaria que me acompanhasse, está a esta hora em casa.

—Deixa-me montar á garupa do teu cavallo, nada mais exigirei.

—Os homens não costumam levar as mulheres á garupa, quando vão combater.

E o cavalleiro deu de esporas ao seu cavallo branco.

A filha do rei chorou amargamente. Como era muito cedo, o sol começava a descerrar no horisonte a sua palpebra ainda velada de sombras, e os passarinhos chilreando atravez da espessura, preparavam-se para emprehenderem juntos os seus folguedos ao longo das campinas reverdecidas.

II

De um bosque de azaleas, Sylpho surgiu de repente; vinha vestido de folhas de trevo e trazia na cabecita um *bouquet* de margaritas.

—Yolaine, disse Sylpho, dando uma gargalhada escarninha, para que choras?

—O meu unico amor ausentou-se, e não posso seguil-o.

—O teu amor é esse bello mancebo de armadura de prata e azas de neve, que galopa ao longe, montado em um cavallo branco?

—Esse mesmo. Os seus olhos são azues como o céo e tem os cabellos da côr da noite.

Sylpho agitou um ramo de espinheiro, que lhe servia de sceptro.

—Quando me apraz, Yolaine, a preguiçosa tartaruga, excede a ligeireza das nuvens, e os fogosos poldros, instantaneamente domados, correm menos do que os escaravelhos, que levam uma hora a atravessar a folha de um platano. Yolaine, segue o teu amor sem inquietação. Onde quer que elle vá, tu chegarás ao mesmo tempo.

Emquanto Sylpho voltava para o bosque de azaleas, a princeza metteu-se a caminho; as pedras onde ella punha os seus pésinhos calçados de setim e perolas, diziam-lhe: «Obrigado, pequeninos pés de Yolaine.»

III

Mas o malicioso Sylpho, que gosta de pregar pirraças, enganára a princeza. Em vão ella caminhou todo o dia e toda a noite; não conseguiu alcançar o cavalleiro, cujos olhos eram azues como o firmamento. Foi só á meia noite, em uma estrada, que Yolaine viu passar, sobre um espectro de cavallo, um grande phantasma branco.

—Quem és tu avejão que passas? perguntou Yolaine.

—Eu era um bello mancebo de cabellos côr da noite; agora nada sou. Encontrei o sobrinho do imperador da Golconda, meu rival; batemo-nos, e elle matou-me.

—Onde vaes? interrogou de novo a princeza.

—Vou á casa onde dorme a minha amante.

—Causar-lhe-has pavor! Julgas que aquella que não amava um vivo, quererá amar um morto? Vem commigo, que te escolhi; farei do meu leito um tumulo nupcial; adormecerei ahi para sempre, ao teu lado, e teremos magnificos funeraes.

—Não. Quero aproveitar o somno da minha amante para lhe dizer adeus atravez dos seus sonhos; beijarei, nos seus labios adormecidos, o perfume da sua canção.

—Permitte ao menos que eu te acompanhe; deixa-me montar á garupa comtigo!

—Não é costume os phantasmas irem visitar as suas amantes levando mulheres á garupa. E o espectro desappareceu.

A filha do rei chorava, cada vez mais inconsolavel. Como passava da meia noite, a lua argentava melancholicamente o horisonte, os campos e a estrada, afogando-os em uma claridade branca como a neve; os passarinhos, adormecidos no leito da folhagem, sonhavam com os seus alegres vôos atravez das campinas em flôr.

IV

Sylpho saiu de um bosque de murta; trazia uma casaca de luto, feita com duas metades de uma tulipa preta; uma teia de aranha servia-lhe de fumo.

—Yolaine, pobre Yolaine, disse Sylpho, porque choras tanto?

—O meu unico amor morreu, e eu não posso seguil-o.

—E' o teu amor, esse phantasma que acaba de passar na estrada?

—Elle mesmo. Arrancaram-lhe os seus cabellos côr da noite, e a dôr de perder a sua amante apagou-lhe o olhar azul.

—Conheço as hervas que dão a vida e as que dão a morte. Procura o corpo do homem que amas, dar-te-hei a herva que restitue a vida.

—Sylpho, tu illudiste-me uma vez! Mas se tu enganas, quando se trata de fazer bem, serás, talvez, verdadeiro, tratando-se de fazer mal. Dá-me a herva que mata.

—Ahi a tens, disse o garoto Sylpho. Logo que morreres, irás reunir-te ao teu amor, e nunca mais se separarão.

Sylpho entregou á infeliz princeza quatro folhas de uma herva, que em recordação de uma historia de amor se chama Simonide; apenas Sylpho voltou para o bosque de murta, Yolaine levou a herva aos labios e morreu sem o menor soffrimento.

UM VALENTE

V

Mas ainda d'esta vez, Sylpho enganára a princeza.

No momento em que a alma de Yolaine voava para o céo, avistou outra alma que descia para o inferno. Ao clarão de uma estrella, reconheceu a alma do bello mancebo.

—Onde vaes tu, alma do meu unico amigo?

—Ai de mim! fallei de amor á minha amante, nos seus sonhos, e os meus beijos posthumos roçaram a sua bocca, como uma borboleta preta que pousa, tremente, sobre uma rosa. Fui condemnado e desço ao inferno.

—Queres que eu te acompanhe, eu que morri para tornar a ver-te? Consolar-te-hei nos teus tormentos, animar-te-hei nos teus desalentos, amar-te-hei na eternidade! O meu amor será a caudal de repouso e resignação, onde poderão dessedentar-se os labios da tua dôr. Queres que te acompanhe?

—Não! só a recordação da minha amante deve acompanhar-me.

E a alma do bello mancebo perdeu-se nas trevas, em quanto a alma da donzella se erguia, sósinha, para o espantoso Paraizo!

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA